



Da Teoria à Prática: Uma Experiência de Educomunicação no Sertão¹

Paulo PEDROZA²
Gislene MOREIRA³

Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

RESUMO

Este trabalho procura compreender o processo de legitimação de um campo relativamente novo que surge a partir da interface entre a Comunicação e a Educação, chamado Educomunicação. Esta área vem se firmando por meio de contribuições teóricas e práticas de estudiosos como Jesus Martín Barbero, Paulo Freire, e Ismar de Oliveira Soares, além da ajuda imprescindível dos movimentos sociais a partir da segunda metade do século XX, mostrando-nos que a Educomunicação ultrapassa o simples “teorizar” e se concretiza através de processos de intervenção social. Por isso, o presente artigo se propõe também a descrever uma experiência de educomunicação com rádio-escola, desenvolvida por estudantes de Jornalismo no município de Juazeiro, no sertão baiano.

PALAVRAS-CHAVE: educomunicação; ações educacionais; rádio-escola.

Educomunicação: um campo interdisciplinar

Os estudos em educomunicação com o passar dos anos vem conquistando cada vez mais legitimidade nos espaços acadêmicos. Este campo que estabelece uma relação dialógica entre a Comunicação e a Educação, recebeu contribuições decisivas de grandes pesquisadores de ambas as áreas, como: Mário Kaplún, Paulo Freire, Jesus Martín Barbero, e Ismar de Oliveira Soares, sendo este último, um dos principais

¹ Trabalho submetido ao Intercom Júnior 2014, na categoria Interfaces Comunicacionais, do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de maio de 2014.

² Graduando do 8º semestre do Curso de Comunicação Social- Jornalismo em Múltiplos Meios da Universidade do Estado da Bahia, em Juazeiro. Integrante do grupo de pesquisa em Comunicação para o Desenvolvimento do Sertão (Com10!). Assistente editorial na Revista de Comunicação e Cultura no Semiárido (ComSertões). Contato: paulo.pedroza@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da UNEB em Juazeiro, doutora em Ciências Sociais pela Flacso-México e tem mestrado em Cultura e Sociedade pela UFBA. Dedicou-se a temas de movimentos sociais e políticas de comunicação e cultura no sertão e na América Latina. Contato: ggomes@uneb.br.



responsáveis por sintetizar e organizar os diversos conceitos envolvendo a Comunicação e a Educação em um campo específico, a Educomunicação.

O argentino Mário Kaplún, que atuou como comunicador e educador no Uruguai e na Colômbia, foi o primeiro a difundir o termo “educador” ou “educadores comunicativos”, inicialmente pensados como profissionais responsáveis por trabalhar com a leitura crítica da mídia em espaços educacionais. Porém, a noção de educomunicação com passar do tempo foi ampliada, abordando não apenas uma “educação para os meios”, mas também a “mediação tecnológica na educação”, a “gestão da comunicação em espaços educativos”, a “expressão comunicativa por meio das artes”, e a “reflexão epistemológica” sobre o novo campo e a interface Comunicação e Educação. (JUNIOR, 2007, p. 15-16)

A ampliação deste conceito resultou de uma pesquisa⁴ coordenada pelo professor e pesquisador do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE-USP)⁵ Ismar de Oliveira Soares, entre os anos de 1997 e 1998. Segundo Valderrama (2000), através de pesquisas como estas, Soares busca sustentar que o novo campo já possui uma comunidade acadêmica com perfis claramente definidos, o que indica um processo de consolidação da autonomia desta área de interface.

De fato, percebe-se que a Educomunicação vem garantindo espaço nas universidades brasileiras, isso pode ser notado, por exemplo, por meio de uma análise das grades curriculares dos cursos de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, onde a disciplina tem sido incluída.

Outros fatores também apontam para esse processo, como a criação, em 2009, pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), na Paraíba, do curso de Comunicação Social com ênfase em Educomunicação, além da licenciatura em Educomunicação, criada em 2011, pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).

Mas, “afinal, o que é Educomunicação?”

⁴ A pesquisa foi desenvolvida em conjunto com 178 especialistas de 12 países das áreas de Comunicação e Educação, objetivando compreender a relação entre esses campos na América Latina. Para isso, foi utilizado um questionário exploratório e 25 entrevistas em profundidade.

⁵ O NCE é o órgão da USP que reúne pesquisadores interessados na inter-relação Comunicação e Educação. Criado em 1996, o núcleo reúne professores de várias universidades brasileiras, e é referência nos estudos sobre educomunicação.



São várias as discussões em torno da Educomunicação, pois alguns a encaram como a mera inserção de ferramentas tecnológicas em espaços educativos, enquanto outros, a limitam a uma crítica da mídia, ou a uma educação para os meios. Nenhuma dessas respostas estão erradas, porém, se forem encaradas isoladamente, limitam a abrangência de um campo muito mais amplo, que inclui também a gestão da comunicação em ambientes educacionais, a reflexão epistemológica, e um contínuo agir-refletir sobre a atuação deste profissional.

Desta forma, Ismar de Oliveira Soares, através de seu artigo “Afinal, o que é educomunicação?”, procura responder à nossa pergunta. De acordo com o autor, o espaço educacional pode ser definido como:

...todo o conjunto de ações e reflexões inerentes ao desenvolvimento de “ecossistemas comunicativos” abertos e colaborativos, possíveis graças à gestão democrática dos recursos da informação, e que tenha como meta a prática da cidadania, presente no exercício da expressão comunicativa por parte de todos os agentes sociais envolvidos. Em decorrência, a educomunicação se materializa em “áreas de intervenção”, podendo o profissional ser um perito em uma ou mais destas áreas. (SOARES, s.d., p.2)

Nestas “áreas de intervenção”, o profissional em educomunicação pode desenvolver diversas atividades, não se limitando às escolas, mas abrangendo também museus, secretarias de educação, empresas de comunicação, como TV’s e Rádios, principalmente emissoras educativas, além do Terceiro Setor, em ONGs e Associações, trabalhando assim com uma educação para a comunicação que busca formar receptores mais críticos e ativos, preparados para lidar com o grande número de informações a que somos expostos diariamente.

É interessante observar também como este campo não possui um “pai criador”, uma figura específica à qual seja atribuída a responsabilidade pelo seu surgimento. Pelo contrário, a educomunicação vem se mostrando desde o início como uma área de contribuições dialógicas, o que a torna ainda mais enriquecedora.

Para Soares (s.d), são essas contribuições que constituem os princípios básicos da educomunicação, sendo alguns deles: entender a comunicação como condição essencial ao processo educativo, e não apenas como ferramenta ou recurso a serviço da



didática; democratizar os recursos da informação, seja na escola ou nas emissoras; valorizar ações participativas que busquem ampliar as formas de expressão das coletividades; reconhecer o direito da “comunidade educativa” aos recursos da comunicação, assim como oferecer o suporte adequado para o seu manuseio; e principalmente colocar toda essa prática a serviço da cidadania, em contraposição a processos persuasórios utilizados pela propaganda.

Assim, através dos princípios citados, é possível notar a interdiscursividade e polifonia inerentes ao processo educacional, que compreende a comunicação como componente indispensável a uma educação transformadora, considerando o ser humano um ser, por natureza, relacional, e não apenas um ser de contatos. Este conceito é abordado por Paulo Freire, no clássico “Extensão ou comunicação?”⁶, escrito em 1968, no Chile, e faz parte dos componentes fundamentais responsáveis por definir a Educomunicação, que

absorve seus fundamentos dos tradicionais campos da educação, comunicação, e de outros campos das ciências sociais, superando, desta forma, as barreiras epistemológicas impostas pela visão iluminista e funcionalista de relações sociais que mantêm os tradicionais campos do saber isolados e incomunicáveis. Trata-se, na verdade, de uma perspectiva de análise e articulação em permanente construção, e que leva em conta o contínuo processo de mudanças sociais e de avanços tecnológicos pelos quais passa o mundo contemporâneo. (SOARES, 2003, P.44)

Neste sentido, considerando “o contínuo processo de mudanças sociais e de avanços tecnológicos”, a educomunicação fundamenta suas metas utilizando o diálogo e a gestão participativa nas tomadas de decisões; a livre expressão dos atores sociais; e o livre fluxo informacional; atribuindo desta forma à comunicação “uma intencionalidade educativa a partir de um compromisso social definido”, ampliando assim “a capacidade expressiva das pessoas independentemente da condição social, grau de instrução ou inserção no mercado”. (SOARES, 2003, p.24)

Estes princípios básicos que compõem o campo, segundo Soares, foram colocados em prática inicialmente pelos movimentos sociais de meados do século XX, possibilitando a discussão de temas relevantes nos veículos alternativos, já que os meios de comunicação de massa (MCM), e até mesmo as emissoras educativas, não discutiam questões relacionadas à democracia, desigualdade social, meio ambiente, e tantas outras

⁶ FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação?. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 2011.



temáticas. Percebe-se, desta forma, o pioneirismo dos movimentos sociais em “ações educacionais”, mesmo antes da sistematização teórica deste campo na academia.

É importante lembrar também da contribuição decisiva da igreja cristã a partir dos anos 60 do século passado, que junto a alguns movimentos sociais desenvolveram ações neste sentido, voltadas principalmente para uma leitura crítica da mídia, tendo como exemplos as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), além de projetos como o TAT (Treinamento e Análise de Televisão), desenvolvidos no Instituto Metodista de São Bernardo do Campo-SP; e o Projeto de Leitura Crítica de Comunicação (LCC), da União Cristã Brasileira de Comunicação (UCBC).

Porém, o conceito de educação compreendido hoje, se fundamenta ainda em estudos mais antigos realizados nos Estados Unidos e na Europa, como o media literacy e media education. Soares (1999) ressalta que já nos anos de 1930, através da media education, são promovidas campanhas educativas contrárias à sensualidade no cinema. Vários países, entre eles: Alemanha, Inglaterra, Suíça, Canadá e Austrália, desde a década de 1960, desenvolviam ações neste sentido. (SOARES, p. 27-28 apud MARTINS, 2012, p. 26).

A Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência, e a cultura (Unesco), a partir dos anos de 1960, já demonstrava interesse em compreender o termo “mídia-educação”, referindo-se à “alfabetização em grande escala de populações privadas de estruturas de ensino” por meio de uma educação à distância. Todavia, abandonando essa visão reducionista inicial da “mídia-educação”, a Unesco promove, em 1982, o encontro de Grünwald (Alemanha Ocidental), ampliando este conceito na “apropriação e uso das mídias como ferramenta: pedagógica para o professor, de criação, expressão pessoal e participação política de todos os cidadãos”. Neste sentido, outros encontros foram motivados pela Unesco, e contribuíram muito para enriquecer esse novo campo, como a Conferência Internacional “Educação para as mídias e para a era digital”, realizada em Viena, em 1999, levando em consideração os avanços tecnológicos da época e os seus consequentes efeitos culturais. (BELLONI; BÉVORT, 2009, p.1087 apud MARTINS, 2012, p.23).

Hoje, no Brasil, a educação vem se firmando teórico/empiricamente, mas ainda enfrenta inúmeros desafios, principalmente em relação à prática educacional nas escolas (embora a educação não esteja restrita a ambientes formais), onde encontramos professores sem formação adequada, reflexo de uma geração que partilha de diferentes formas de apropriação da mídia não condizentes com o atual cenário



tecnológico; além de um espaço físico escolar que na maioria das vezes não disponibiliza condições mínimas para o exercício educomunicativo. Equipamentos básicos, como computadores com acesso à internet, ainda não fazem parte da realidade de muitas escolas públicas do país. Como trabalhar a comunicação neste cenário?

Como pode haver a formação de um cidadão participativo e consciente em termos político-democráticos, se o educando não tem oportunidades de visualizar, entender e vivenciar práticas políticas, que necessariamente envolvem diversos processos de comunicação? As mídias e as TICs são centrais na sociabilidade, o ensino para leitura crítica e para a apropriação desses veículos pelos educandos no meio escolar, com uma finalidade ética e reveladora é mais relevante. (MARTINS, 2012, p.31)

Este meio escolar deve ser o ambiente adequado para o exercício de uma “educação libertadora”⁷, mas para isso, faz-se necessário pensar estratégias contextualizadas que integrem a realidade de educadores e educandos ao atual cenário midiático. A educomunicação como instrumento de transformação social e promoção da cidadania se mostra com uma prática necessária e cada vez mais urgente.

Educomunicação no Sertão: a prática

Acreditando no poder transformador do diálogo entre a Comunicação e a Educação, e tendo como base todo o arcabouço teórico até aqui discutido, as disciplinas Comunicação Comunitária e Educomunicação, do curso de Comunicação Social – Jornalismo em Múltiplos Meios, da Universidade do Estado da Bahia, em Juazeiro⁸, propõem aos estudantes ações de intervenção em escolas e comunidades, tendo como metodologia base, a educomunicação. Assim, no dia 24 de abril de 2013, nasceu o projeto rádio-escola, desenvolvido ainda hoje no Centro Estadual de Educação Profissional do Norte Baiano (CEEP Norte Baiano)⁹.

⁷ Conceito amplamente difundido por Paulo Freire em várias de suas obras, entre elas: Pedagogia do oprimido, Pedagogia da autonomia, e Extensão ou Comunicação.

⁸ Município localizado ao Norte do estado, a 510 quilômetros da capital Salvador.

⁹ O CEEP Norte Baiano fica localizado no bairro Cajueiro em Juazeiro, e até hoje é conhecido como “Antiga Escola Normal”, pois desde 1984, a escola era tida como referência no município para a formação de professores na modalidade “normal-médio” ou “magistério”. Em novembro de 2012, a Escola Normal deixa de ser uma “Unidade Escolar Estadual”, e passa a ser um “Centro Estadual e Territorial de Educação Profissional”, que integra o ensino médio à formação técnica.



O CEEP possui em média 647 discentes, a maioria jovens com idade entre 16 e 21 anos, distribuídos nos turnos matutino, vespertino e noturno, este último abrange alunos com idades muito variadas devido ao Programa de Educação de Jovens e Adultos, que contempla pessoas com até 60 anos. O Centro conta ainda com 35 professores e 16 funcionários que atuam na administração, cozinha, e limpeza dos ambientes.

A escolha do CEEP como espaço de intervenção para ações educacionais resultou de uma visita realizada no dia 15 de abril de 2013 por quatro estudantes de Jornalismo¹⁰, com o objetivo de conhecer o espaço físico do centro, assim como a dinâmica interativa entre professores e alunos através da observação participante, para a realização de um diagnóstico prévio.

Nessa primeira visita, a equipe foi informada sobre a existência de uma pequena rádio-escola que funcionava esporadicamente, transmitindo principalmente músicas comerciais para a comunidade escolar através das caixas de som instaladas nas salas de aula. Os equipamentos foram adquiridos através da iniciativa da professora de língua portuguesa e literatura, Joana Souza, que em 2009 elaborou um projeto denominado “rádio-pátio”, com orçamento previsto de R\$1.400.

No projeto, a rádio é citada como um instrumento que poderia redimensionar o espaço escolar, criando novas possibilidades de diálogo e inovação pedagógica, tendo como principais objetivos despertar nos estudantes o gosto pela linguagem radiofônica, fazendo com que eles exercitem a comunicação oral e produção textual.

Após a aprovação do projeto pela Secretaria de Educação da Bahia, somente no ano de 2012 a escola recebeu os equipamentos básicos necessários para o funcionamento da rádio, como: mesa de som, computador, caixas de som, e microfones.

Ao longo da visita, a equipe identificou algumas falhas que exigiam um processo de intervenção, entre elas: a existência de uma “rádio-escola” que veiculava apenas músicas comerciais e alguns avisos institucionais, sem a mínima participação dos estudantes; um “técnico” que afirma não saber manusear o equipamento de forma adequada; estudantes totalmente alheios à programação musical, pois relatam não participarem minimamente da escolha das músicas; além da notável ausência de diálogo entre direção/professores, e professores/alunos.

¹⁰ Denise Saturnino, Luna Layse Silva, Paulo Pedroza, e Ricardo Sousa. Em abril de 2013, graduandos do 6º período de Comunicação Social – Jornalismo em Múltiplos Meios da UNEB. Os discentes realizavam atividades ligadas à disciplina Comunicação Comunitária, ministrada pela professora Gislene Moreira.



Após a decisão de iniciar as atividades, foram feitas entrevistas com professores e funcionários, além da aplicação de questionários¹¹ buscando traçar um perfil dos estudantes do CEEP. As perguntas foram aplicadas no turno matutino (turno no qual a equipe pretendia trabalhar inicialmente) e 13 adolescentes, com representantes de todas as turmas, responderam às questões, destes, 12 disseram que gostavam de ler, entretanto, na hora de escrever muitos se desviaram da norma padrão de ortografia portuguesa. Sendo que mais de 60% do total de alunos afirmaram ler quatro livros ou mais por ano.

A maioria das mães destes jovens são donas de casa, autônomas ou trabalhadoras rurais, e os pais são pedreiros, agricultores, seguranças, dentre outras profissões. Dos 13 estudantes que responderam o questionário, apenas quatro trabalham, destes somente um contribui com as despesas dos pais, os outros deram outras justificativas para o interesse em receber salário, como querer ser independente ou então apenas para poder comprar as coisas que gostam.

Estas informações resultantes dos questionários, entrevistas, e observação participante, foram fundamentais para compreender o contexto escolar no qual a equipe iria intervir, assim como traçar melhor as estratégias educacionais. Concluiu-se a partir daí que a utilização da rádio-escola seria a melhor forma de dar início ao projeto, buscando unir professores, estudantes e funcionários em torno da rádio “Conexão CEEP” (nome escolhido pelos alunos após as primeiras oficinas), procurando mostrá-los como aquele meio de comunicação poderia ser útil a todos. Desta forma, alguns benefícios foram citados, como bem enumerou Tavares Júnior (2007), a rádio-escola pode:

- Atuar com uma multiplicadora de informações da escola e da comunidade;
- Discutir e pautar temas locais buscando soluções coletivas para os problemas da comunidade;
- Facilitar a obtenção de apoios e parcerias para a realização de eventos, atividades ou melhorias na escola;
- Estimular atividades culturais em âmbito escolar: eventos (como concursos de poesia) e obras (como peças de teatro) podem ganhar sua versão radiofônica com as devidas adaptações de linguagem;

¹¹ Os questionários incluíam questões fechadas e abertas que procuravam entender o contexto vivido por aqueles jovens e suas expectativas em relação à escola. Foram feitas perguntas como: “Quanto livros você costuma ler por ano?”; “Você costuma dedicar quantas horas à televisão?”; “Você trabalha? Por quê?”; “O que você gostaria que mudasse na escola?”; “Costuma acessar a internet? Onde?”; e etc.



- Fomentar as atividades inter e transdisciplinares por meio da realização dos programas radiofônicos;
- Aprimorar a fala e os principais elementos de comunicação verbal (dicção, entonação, coerência, argumentação, etc) de alunos, professores, funcionários e membros da comunidade;
- Veicular músicas e estilos musicais que não têm espaço na grande mídia;
- Potencializar o resultado de campanhas ambientais e sociais promovidas pela escola;
- Propiciar que alunos e professores possam conhecer o trabalho e as ideias de docentes e estudantes que vão à escola em outros períodos.

(JÚNIOR, 2007, P.139-140)

O projeto desenvolvido a partir de então pelos quatro estudantes de jornalismo, tinha como principal objetivo fazer com que a rádio-escola funcionasse diariamente com uma programação variada, respeitando a diversidade de gostos e opiniões presentes na escola, e que fosse gerida principalmente pelos estudantes do CEEP. Estes deveriam conhecer todo o processo de produção, edição, e veiculação de conteúdo, assim como as demais atividades que envolvem a administração do veículo.

Para isso, ao longo do semestre, foram realizadas oficinas de formação em rádio (principalmente produção de textos e narração), intercalando conteúdo teórico e prático, além de aulas temáticas sobre assuntos de interesse dos alunos e relevantes para o seu processo de formação (foram discutidos temas como: sexualidade, drogas, mercado de trabalho, racismo, e etc.), buscando oferecer um espaço mais aberto para discussões que ultrapassassem a dinâmica recorrente em sala de aula.

Porém, a direção e os professores não poderiam ficar por fora desse processo, pois a educomunicação se dá por meio da mobilização, que tem início, sobretudo na escola. Sem esse suporte, que integra o ecossistema comunicativo¹², seria inviável o desenvolvimento do projeto, o qual exige participação ativa não só dos estudantes, mas também dos docentes. Por isso foi feita uma reunião com alguns deles (pois nem todos compareceram) para explicar a importância estratégica de inserir ferramentas de comunicação no ambiente escolar como auxiliares ao processo de ensino-aprendizagem, e principalmente evidenciar como a rádio-escola pode contribuir para melhorar a comunicação entre todos que fazem parte do CEEP Norte Baiano.

¹² A expressão “ecossistema comunicativo” foi utilizada inicialmente nos estudos de Jesus-Martín Barbero sobre meios de comunicação, cultura e tecnologias. Hoje, integra o conceito de Educomunicação e traduz o conjunto de atores de uma prática educacional e seus espaços de interação.



Após a reunião, a direção da escola se mostrou bastante interessada e aberta à implantação do projeto. Alguns professores também demonstraram interesse, porém, apenas uma docente se dispôs a ajudar de forma efetiva (inclusive acompanhando várias oficinas e dando dicas de como lidar com os jovens, já que ela era professora de muitos deles), e até hoje se envolve nas atividades de formação.

Um dos principais desafios que surgiram para implantar e dar continuidade ao projeto foi a falta de interesse dos estudantes do CEEP em participar das oficinas. Os discentes de Jornalismo visitaram todas as salas do período matutino e vespertino apresentando o projeto rádio-escola e convidando-os para o primeiro encontro. Mais de 20 estudantes se inscreveram, no entanto, apenas três deles compareceram.

Era perceptível o receio dos estudantes em frequentar as oficinas. Muitos demonstravam interesse para as atividades ligadas à rádio, mas não acreditavam que poderiam realmente participar da rádio-escola, já que até então o Centro nunca tinha buscado inseri-los nesse processo. Alguns alunos diziam: “Depois que vocês forem embora, tudo volta a ser como era antes, não vão deixar a gente mexer nos equipamentos”. Esta foi outra preocupação demonstrada pelos alunos do CEEP após algumas oficinas, eles temiam que a equipe de estudantes de jornalismo deixasse o projeto após algumas tentativas.

Todavia, outras oficinas foram realizadas, e a quantidade de alunos ia variando (algumas contaram com dez estudantes), contudo, um número fixo de cinco estudantes¹³ sempre comparece e até hoje demonstra interesse no projeto, o que faz com que a equipe de discentes de Jornalismo da UNEB procure manter as oficinas¹⁴ mesmo após o término das atividades relativas às disciplinas Comunicação Comunitária e Educomunicação II.

Ao longo do ano de 2013 foram realizados em torno de 20 encontros¹⁵, com duração de 2h cada, totalizando 40h de formação. Estes encontros aconteciam uma ou duas vezes por semana, em dias variados (dependia da disponibilidade dos estudantes do CEEP. A equipe de discentes de Jornalismo procurava conciliar dias e horários mais adequados para os estudantes, evitando assim a evasão dos poucos que frequentavam as

¹³ Anízio Júnior, Eduardo França, Maiko Ribeiro, Rafael Santos e Sara Cristina.

¹⁴ As oficinas foram desenvolvidas até o mês de novembro de 2013. Este ano as atividades ainda não foram retomadas, pois os estudantes estão de férias, e só retornam em março.

¹⁵ Estes encontros resultam de atividades realizadas em duas disciplinas: Comunicação Comunitária e Educomunicação II.



oficinas), resultando em produções radiofônicas que continham músicas, dicas de filme e livros (Dica conexão), notícias sobre a escola (Por dentro do CEEP), dicas para vestibulares, concursos, e estágios (Aluno antenado) e etc.

Após a aplicação dessas oficinas alguns resultados se tornaram notáveis. Os estudantes, na maioria muito tímidos e com dificuldades de expressão, já demonstraram mais desenvoltura ao falar na rádio, assim como uma maior maturidade ao discutir questões como o preconceito, mostrando-se mais abertos à diversidade de opiniões presentes na escola, enxergando o diálogo como um caminho possível.

O relato de alguns professores e da direção também foi fundamental para incentivar a continuidade do projeto. Afinal, os docentes desempenham papel imprescindível na implementação de ações educacionais, pois são eles que conhecem melhor as relações que compõem o ambiente escolar, convivendo diariamente com os estudantes, e passando a conhecer suas potencialidades e limitações. Sem o apoio docente, a educomunicação não se efetiva.

Os docentes do CEEP relataram notar uma mudança de comportamento de alguns alunos que participaram das oficinas, e principalmente do aluno Rafael, que era muito tímido e pouco participativo em sala de aula, e agora adquiriu uma postura mais ativa e crítica. Segundo a professora Joana, ela ficou muito surpresa quando o discente se dispôs a participar de uma peça de teatro realizada na escola. “Ele mesmo me pediu pra fazer parte da peça, não foi preciso ninguém insistir”, relatou.

Apesar das conquistas, ainda há um longo caminho até fazer com que a rádio-escola “Conexão CEEP” funcione da forma pensada pela equipe, com programação diária e participação ativa dos estudantes. Alguns problemas técnicos, como a falta de computadores com programas de edição de áudio, e a ausência de caixas de som no pátio da escola prejudicam esse processo. Além disso, é preciso mobilizar mais alunos, e fazer com que eles compreendam a comunicação como um direito a ser conquistado não só no ambiente escolar como também na vida. Somente com participação ativa de estudantes, professores e demais funcionários, será possível transformar o ambiente escolar, e até mesmo a comunidade ao seu redor.

Considerações finais

Com base nos conceitos até aqui discutidos, é perceptível como a educomunicação, desde o seu início, vem se firmando como um campo teórico e prático



estruturado a partir da influência de pesquisadores latino-americanos que enxergaram na interface comunicação e educação uma possibilidade de transformar realidades, levando sempre em consideração o contexto em que cada grupo está inserido.

A educomunicação tem se mostrado uma área desafiadora, não só do ponto de vista teórico, onde, aos poucos, vem garantindo legitimidade, como também na prática, pois envolve mudanças estruturais significativas nas relações de poder de diferentes contextos, propondo modelos de gestão participativa e democrática, seguindo uma perspectiva cidadã.

Nas escolas, muitas vezes, a comunicação não é encarada como fundamental à educação dos alunos, o que prejudica a implementação de ações educacionais, deixadas em segundo plano, e vistas com estranheza por professores e estudantes. Já nas instituições de ensino que procuram adotar a educomunicação, é comum o posicionamento extremo dos professores, separando o “saber midiático”, do “saber escolar”, entendendo a comunicação como mera ferramenta de auxílio pedagógico, esquecendo assim de trabalhar uma educação para os meios e mensagens.

O projeto rádio-escola “Conexão CEEP”, aqui citado como uma experiência de intervenção no Sertão Baiano, é um exemplo de como o exercício educacional se torna desafiador em determinadas instituições de ensino, exigindo uma mobilização geral que envolve professores, alunos e demais funcionários. Porém, o projeto também nos mostra que é possível alcançar resultados em longo prazo, e que a utilização da linguagem radiofônica pode ser estratégica nesse processo.

A correta utilização do rádio na escola auxilia no processo de ensino-aprendizagem dos alunos, estimulando-os de forma criativa e lúdica através das especificidades típicas da linguagem radiofônica, como: brevidade, instantaneidade, imaginação, emoção, dinamismo e etc. Entretanto, ainda é desafiador fazer com que o jovem compreenda a importância deste veículo de comunicação para o seu aprendizado, tornando-o um sujeito mais crítico e com um posicionamento ativo diante do grande número de informações midiáticas a que são submetidos diariamente.

Portanto, a educomunicação busca firmar-se como campo interdisciplinar, envolvendo estudos da área de Comunicação e Educação através de nomes como: Jesus Martín Barbero, Paulo Freire e Mário Kaplún. Além, é claro, de um dos principais responsáveis por sistematizar o pensamento educacional, o pesquisador brasileiro Ismar de Oliveira Soares. Todos estes acreditam no poder transformador resultante do



diálogo entre a comunicação e a educação como áreas capazes de gerar um verdadeiro processo de mudança social.

Referências bibliográficas

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?**. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 40ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

JÚNIOR, Renato Tavares. **Educomunicação e expressão comunicativa: a produção radiofônica de crianças e jovens no projeto educom.rádio**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação)- Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

MARTINS, Lúcio Meireles. **Educomunicação para a democracia: o programa Plenarinho e o nível de letramento político infanto-juvenil**. Monografia (Programa de Pós-Graduação do Centro de Formação, Treinamento e Aperfeiçoamento da Câmara dos Deputados/Cefor). Brasília, 2012.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Caminhos da Educomunicação na América Latina e nos Estados Unidos**. In Caminhos da Educomunicação, 2ª Ed, São Paulo: Editora Salesiana, 2003.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Afinal, o que é Educomunicação?** NCE USP, São Paulo.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio**. São Paulo: Paulinas, 2011.

VALDERRAMA, Carlos. **Comunicación-Educación, coordinadas, abordajes ey travesías**. Universidad Central/ DIUC, Bogotá, 2000.